

Antirracismo e Futebol: a denúncia do preconceito contra técnicos negros através do ativismo de Roger Machado

George Roque Braga Oliveira*
Bruno Otávio de Lacerda Abrahão**

Resumo

Diante da constatação acerca da baixa representatividade de técnicos negros na elite do futebol masculino em clubes brasileiros, o objetivo deste artigo é compreender o tema da discriminação no Brasil a partir de relatos do técnico Roger Machado sobre o racismo no futebol brasileiro. Nossas fontes são documentos digitais (matérias) publicados pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol, que compila casos de racismo ocorridos nos estádios, na internet, dentre outros espaços. Identificamos as matérias publicadas sobre o assunto no período entre janeiro de 2019 e outubro de 2022, das quais selecionamos doze entrevistas e depoimentos. Tomadas a partir da noção de “Historiografia Digital”, os textos relacionados à literatura sobre parte do pensamento racial brasileiro nos permitiram concluir que as declarações antirracistas apresentadas por Roger Machado apontam obstáculos ao protagonismo do homem negro no mercado de trabalho no futebol, revelando-o, no período analisado, como um ativista político antirracista e, através do esporte, um porta-voz das demandas das vozes silenciadas da negritude brasileira.

Palavras-chave: Futebol, Racismo, Roger Machado.

153
»»»»»

* Doutorando em Educação - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, Brasil. Economista (UFBA) e Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social (UFBA). grbo2003@yahoo.com.br

** Doutor em Educação Física, Universidade Gama Filho. É professor adjunto do departamento de Educação Física, Faculdade de Educação - Universidade Federal da Bahia (UFBA). Leciona e orienta no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA bruno.abrahao@ufba.br

Antiracism and soccer: the denunciation of prejudice against black coaches through the activism of Roger Machado

Antirracismo y Fútbol: la denuncia de los prejuicios contra los entrenadores negros a traves del activismo de Roger Machado

Abstract

In light of the finding regarding the low representation of Black coaches in the elite of men's soccer in Brazilian clubs, the aim of this article is to understand the theme of discrimination in Brazil based on accounts from coach Roger Machado about racism in Brazilian soccer. Our sources are digital documents (articles) published by the Observatório da Discriminação Racial no Futebol, which compiles cases of racism occurring in stadiums, on the internet, among other spaces. We identified the articles published on the subject in the period between January 2019 and October 2022, from which we selected twelve interviews and testimonies. Based on the notion of "Digital Historiography," the texts related to the literature on part of Brazilian racial thought allowed us to conclude that the antiracist statements made by Roger Machado point to obstacles to the protagonism of Black men in the job market in football, revealing him, during the analyzed period, as an antiracist political activist and, through sports, a spokesperson for the demands of the silenced voices of Brazilian blackness.

Keywords: Racism, Soccer, Roger Machado

Resumen

Ante la constatación acerca de la baja representatividad de técnicos negros en la élite del fútbol masculino en clubes brasileños, el objetivo de este artículo es comprender el tema de la discriminación en Brasil a partir de los relatos del técnico Roger Machado sobre el racismo en el fútbol brasileño. Nuestras fuentes son documentos digitales (artículos) publicados por el Observatório da Discriminação Racial no Futebol, que recopila casos de racismo ocurridos en los estadios, en internet, entre otros espacios. Identificamos los artículos publicados sobre el tema en el periodo entre enero de 2019 y octubre de 2022, de los cuales seleccionamos doce entrevistas y testimonios. Tomadas a partir de la noción de "Historiografía Digital", los textos relacionados con la literatura sobre parte del pensamiento racial brasileño nos permitieron concluir que las declaraciones antirracistas presentadas por Roger Machado señalan obstáculos al protagonismo del hombre negro en el mercado laboral del fútbol, revelándolo, en el periodo analizado, como un activista político antirracista y, a través del deporte, un portavoz de las demandas de las voces silenciadas de la negritud brasileña.

Palabras clave: fútbol, racismo, Roger Machado



Introdução

O futebol assumiu um papel ambíguo no que diz respeito às relações raciais na cultura brasileira. Se, por um lado, esse esporte se mostrou progressista no que diz respeito à absorção da população de “pretos”, “mestiços” e “brancos pobres” durante as primeiras décadas do Século XX, por outro lado, ainda guarda resíduos dos preconceitos enraizados na cultura. Com efeito, se mostrou um campo que reproduz a ambivalência das representações socialmente construídas sobre a “raça negra” e a ambiguidade do racismo no Brasil. Nesse sentido, podemos arriscar que a presença do homem negro no futebol revela o “racismo à brasileira” (Telles, 2003, p. 19) e um palco privilegiado para auxiliar a compreensão dos dramas sobre o racismo no Brasil.

Diante das mudanças estruturais, o futebol representou para o homem negro¹ um espaço de visibilidade e contestação dos estereótipos impregnados na cultura, um meio de expressão positiva de identidade que contribuiria para a mobilidade econômica e social. Sendo uma modalidade coletiva, cuja disjunção ocorre através do desempenho individual dos jogadores que dela participam, sua transformação em trabalho possibilitou melhoria de vida e de ascensão para muitos homens negros que se destacavam no futebol no Brasil.

Segundo Vieira (2017), a história do futebol no país sofre implicações motivadas por especificidades locais. Seus primórdios dão conta de um esporte formado por uma elite branca que ao longo do tempo se popularizou cuja história pode ser dividida em três períodos: 1900/1910 (elitização); 1910/1930 (exclusão dos negros); e a partir de 1930 (ascensão social dos negros). Ainda segundo o autor, a peculiaridade do profissionalismo foi o grande divisor de águas do futebol brasileiro: “presenciou o massacre de Barbosa e a consagração de Pelé, mas que nunca deixou de ser um ‘fiel depositário’ do modo de pensar a sociedade brasileira sobre as relações que a estruturam.” (Vieira, 2017, p. 57).

¹ Conforme denominado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esta categoria reúne as pessoas pretas e pardas e é desta forma que adotamos neste artigo.



A profissionalização do futebol foi um marco da apropriação popular de um espaço destinado às classes abastadas, trazendo a possibilidade de ampliação do sucesso do negro à medida que as relações mediadas naquele espaço passavam a ser regidas por contratos: “O jogador profissional, branco, mulato ou preto, era um empregado do clube. O clube pagava, toma lá, dá cá. O jogador ficava no seu lugar, mais no seu lugar do que nunca” (Rodrigues Filho, 1947, p. 183). Os ressentimentos e tensões daí resultantes dariam margem para “que se destacasse o caráter de ascensão e promoção individual que resulta do profissionalismo; ele traduz, antes de mais nada, relações contratuais substituía relações de tipo patriarcal” (Costa Pinto, 1947, p. 183).

Abrahão e Soares (2020) ocuparam-se da compreensão dos significados dos estereótipos positivos elaborados sobre jogadores de futebol no período posterior à abolição e concluíram que eles assumiram uma postura ambígua, tendo de dar conta das demandas da construção de uma narrativa positiva de identidade a partir da miscigenação e manter os valores da escravidão. Os elogios sobre os aspectos corporais da “raça negra” tinham o efeito perverso de afastá-la das atividades relacionadas à intelectualidade. Entre incluir em uma nova ordem econômica e manter as hierarquias oriundas da escravidão, podemos pensar que o elogio ao homem negro no espaço do futebol tinha o objetivo de integrá-lo socialmente, mas com espaço definido e restrito:

No limite, o futebol brasileiro poderia ser pensado como um espaço que reproduz a ambivalência das representações socialmente construídas sobre “raça negra” e a ambiguidade do racismo no Brasil. Ora elogiada, ora preterida, podemos arriscar que a presença do negro no “campo do futebol” dramatiza a paradoxal tensão do “racismo à brasileira”, qual seja: “como é que a inclusão pode coexistir com a exclusão?”. Logo, podemos tê-lo como um *locus* privilegiado de investigação tanto dessa ambiguidade das representações socialmente construídas sobre a “raça negra”, quanto do caráter ambivalente do racismo na cultura brasileira. (Abrahão; Soares, 2020, p. 722).



Um dos indícios do racismo no futebol do Brasil é a denúncia de que homens negros são preteridos dos cargos que demandam o uso da racionalidade e do trabalho intelectual, como a profissão de treinador de futebol. Em que pese o fato de hoje existirem cursos de formação de técnicos realizados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), historicamente no Brasil, esse cargo foi ocupado por ex-jogadores, que são, em sua grande maioria, identificados à raça negra. Todavia, a classificação racial de quem comanda os principais clubes do futebol brasileiro é de homens brancos e se constata uma inexpressiva quantidade de técnicos negros, como chama atenção Damo:

Ocorre que o dom futebolístico não pode ser pensado fora de um contexto espetacularizado. Esse campo profissional pode ser generoso com alguns indivíduos, e o fato de sê-lo, em linhas genéricas, com os populares e, particularmente, os negros, por vezes cria um flanco para a apoteose populista. Entretanto como outros campos do mundo artístico, o futebol de espetáculo pode ser generoso com uma dada classe de indivíduos, mas não é com todos os indivíduos de uma classe. Não há preconceito de cor em relação à profissionalização de futebolistas, o que não implica dizer que não haja preconceito de cor em relação a outros postos – como o de técnico e de dirigente – nem mesmo que os negros não sejam, em certa medida, vitimados pela promessa que não se cumpre senão a alguns poucos – ver-se-à. (Damo, 2007, p. 204).

A denúncia de que pessoas negras são preteridas do mundo de trabalho escutar as vozes daqueles que vivenciam as mazelas da discriminação cuja experiência foi verbalizada por um dos poucos técnicos negros da “elite” do futebol brasileiro que expõe as nuances do racismo no Brasil: Roger Machado. Sua trajetória pessoal de ex-atleta que conseguiu ascender socialmente no futebol, mas que vive às voltas com o racismo, personifica os obstáculos que a população negra enfrenta não apenas para ocupar o cargo de técnico no mundo do trabalho do futebol, mas também, de forma mais alargada, aos entraves para a mobilidade econômica e social. As

dificuldades colocadas pelo preconceito racial na história da vida de Roger Machado revelam a trajetória pessoal de muitos negros que desafiaram a hierarquização social no Brasil. Esta denúncia, de que homens negros são discriminados do trabalho de treinador, é abordada na sua trajetória? Se sim, como, em quais contextos e situações? A fim de responder este questionamento, o objetivo deste artigo consiste em compreender o tema da discriminação no Brasil a partir de relatos do técnico Roger Machado sobre o racismo no futebol brasileiro.

Este é um estudo de História do Tempo Presente (HTP), não só porque opera com o recurso contemporâneo da internet, mas porque se ocupa de um dos grandes problemas da sociedade atual. Cabe destacar que, na HTP, as questões afligem o homem real, em uma história que transcorre na vida real. Segundo Elíbio Júnior (2021), a originalidade das abordagens contemporâneas devem estar situadas no fato de poder captar a atualidade, a novidade, a irrupção e a emergência de tendências, das movimentações contínuas, dos conflitos, das rupturas, dentre outras. Neste ensejo, o mesmo autor contribui para os estudos aqui propostos:

A ausência de distanciamento entre o sujeito e o objeto consiste em uma peculiaridade da HTP e ao mesmo tempo um desafio metodológico para o historiador, sobretudo no que se refere à instantaneidade, simultaneidade, interconectividade e hiperprodução de informações e fontes. Para Paul Ricoeur, a HTP é “aquela onde esbarram uma na outra a palavra dos testemunhos ainda viva e a escrita em que já se recolhem os rastros documentários dos acontecimentos considerados”. Conforme o mesmo autor, não se trata de recolher-se ao trabalho de luto de traumas coletivos. O tempo presente nos coloca diante do tempo da vida e do vivido em uma tentativa de compreender os vivos em seu tempo. Ao buscar processos em movimento e trajetórias não encerradas, a HTP é uma história da vida. (Elíbio Júnior, 2021, p. 21)

Cientes das diversas particularidades da HTP, nossas fontes são documentos digitais de matérias publicadas pelo Observatório da



Discriminação Racial no Futebol. Este site pode ser considerado um manancial de dados empíricos sobre as relações raciais no futebol brasileiro. Apresentados de forma sistêmica, os episódios raciais no futebol brasileiro revelam os recorrentes casos de racismo nos estádios, na internet e nos demais espaços. Uma das manifestações sobre o racismo foi a denúncia de preconceito contra técnicos negros e nos dedicamos a refletir sobre esse fenômeno.

Identificamos, neste estudo, as matérias sobre o técnico Roger Machado publicadas no site do Observatório da Discriminação Racial no Futebol entre janeiro de 2019 e outubro de 2022, período em que esse técnico ganhou notoriedade ao levantar a pauta da questão racial no Brasil. Nesse período, foram publicadas 146 matérias sobre o treinador gaúcho. Dessas, selecionamos 12 (doze) entrevistas e depoimentos que tratam diretamente do tema, tomadas a partir da noção de “Historiografia Digital” (Lucchesi, 2015), vista como uma rede capaz de trazer novos problemas à história do tempo presente.

A denúncia de preconceitos contra técnicos negros no Observatório da Discriminação Racial no Futebol

O Observatório da Discriminação Racial no Futebol surgiu em 2014 com o objetivo de monitorar, acompanhar e noticiar os casos de racismo no futebol brasileiro, além de desenvolver ações para erradicá-lo. As boas práticas de combate e conscientização, assim como os episódios ocorridos em outros países, também passaram a fazer parte das ações acompanhadas pelo Observatório, que disponibiliza casos noticiados na mídia através de uma espécie de banco de dados e em relatórios anuais. Ele foi idealizado por Marcelo Carvalho, fundador e atual diretor executivo, que possui MBA em gestão administrativa e pós-graduação em gestão do esporte.

O Observatório² tem tornado um importante porta-voz nessa luta antirracista frente ao racismo estrutural brasileiro. Uma ação a ser destacada é a possibilidade da criação de uma rede de proteção e amparo aos atletas que estão quebrando o silenciamento e os in-

² Utilizaremos, a partir daqui, apenas Observatório para nos referirmos ao Observatório da Discriminação Racial no Futebol.

sultos racistas de que são vítimas. Nesta última década, o Observatório tornou-se uma ferramenta basilar de consulta na construção do conhecimento para pesquisas acadêmicas, imprensa, público no geral e interessados no debate sobre o racismo no Brasil. Um dos preconceitos raciais presentes na sociedade brasileira denunciados pelo futebol é contra técnicos negros.

Para dar continuidade à problematização do preconceito contra treinadores negros, um bom exercício é concentrar as atenções nos depoimentos e matérias de Roger Machado publicados no site do Observatório. Isso por ele ter se tornado uma das principais vozes na denúncia do racismo, assim como na busca por ações que visem constituir uma verdadeira equidade racial em nossa sociedade. Disse o técnico Roger Machado em entrevista ao Expediente Futebol, do Fox Sports, e republicada no site do Observatório:

Eu vejo que o futebol repete, reproduz e amplifica a sociedade brasileira. Assim como fora do futebol, dentro há diversos tipos de preconceito. E é evidente que há o preconceito de cor nas esferas e estruturas do futebol, pois os espaços não são preenchidos proporcionalmente pela presença dos negros no esporte. À medida que saímos do campo, temos **barreiras invisíveis** que impedem a ascensão dos negros aos espaços de poder. (...) E o futebol também reproduz o discurso da sociedade de que não há racismo, mesmo quando, na prática, ele pode ser identificado.³ (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2020, online).

O trecho acima diz do seu entendimento do futebol como refratário das relações raciais brasileiras e que o racismo impõe obstáculos nem sempre visíveis para a ascensão social no Brasil, visto que se situa frente à invisibilidade da presença e baixa representatividade do ponto de vista etnicorracial no que tange à atuação de técnicos negros na elite do futebol brasileiro. Diante dessa problematização e da dificuldade em encontrar respostas aceitáveis para inquirições que negam ou relativizam a existência do racismo no país e, con-

³ <https://observatorioracialfutebol.com.br/roger-machado-cita-barreiras-invisiveis-para-negros-no-futebol-brasileiro/>



sequelemente, no futebol, revelam-se ações que buscam combater opressões historicamente acumuladas sob e após o regime escravista.

Sua fala também questiona o mito identitário da democracia racial brasileira no futebol ao contestar o imaginário de que o futebol seria um dos espelhos de uma sociedade miscigenada racialmente. Em que pesem as peculiaridades das experiências das relações raciais, o enfrentamento à política ideológica estruturante da sociedade brasileira esbarra na frequente negação da existência do racismo e de outras formas de opressão. Neste ponto, nos referimos à ideologia da ‘democracia racial’, que foi difundida de forma hegemônica após a década de 1930.

A próxima matéria traz uma entrevista do técnico Roger Machado na qual ele evidencia a importância de visibilizar as desigualdades etnicorraciais no Brasil a partir do reconhecimento para o enfrentamento do racismo pelo Poder Público.

161



Quando esses poderes não enxergam ou não querem aceitar e assumir que o racismo existiu e que precisa haver uma correção nesse curso, muitas vezes dizem que nós estamos nos ‘vitimando’ ou que há um ‘racismo reverso’. Mas a bem da verdade é que 10 milhões de indivíduos foram escravizados. Mais de 25 gerações. Isso passou pelo Brasil Colônia, pelo Império e só mascarou no Brasil República. E a gente precisa falar sobre isso. Nós precisamos sair da fase da negação. Nós negamos: ‘não, eu não falo sobre isso porque não existe racismo no Brasil, em cima do mito da democracia racial. Negar e silenciar é confirmar o racismo.’⁴ (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2015, online).

Por que homens negros seriam preteridos do cargo de treinador no mundo do trabalho do futebol? Podemos encontrar respostas nos predicados atribuídos à identidade socialmente construída sobre a “raça negra” não se aproximarem da racionalidade, do comando e da intelectualidade:

⁴ <https://observatorioracialfutebol.com.br/entrevista-negar-e-silenciar-e-confirmar-o-racismo-diz-roger-machado/>

A questão do técnico negro ocupa um lugar estratégico na luta pela democratização das relações raciais na sociedade brasileira. Em torno dela giram interesses arraigados, estereótipos duradouros e estruturas persistentes, que mantêm o caráter assimétrico da interação envolvendo brancos e negros dentro e fora da esfera do futebol. A pesquisa histórica acerca do tema tem procurado retratar as etapas percorridas por uma batalha que remonta a Domingos da Guia, inclui Djalma Santos e encontra na reivindicação do cargo de treinador da Seleção Brasileira, feita por Didi, o exemplo paradigmático dos limites traçados à aspiração dos negros que, uma vez penduradas as chuteiras, projetaram-se na nova profissão. A imprensa esportiva, de modo geral, atribuía o insucesso da empreitada ao simples acaso, às circunstâncias adversas, ou, ainda, à inaptidão para o exercício do cargo. Convém, porém, empreender o esforço para expor a questão sob uma nova luz.⁵ (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2015, online).



Em outubro de 2019, a partir da sua participação na campanha do Observatório Contra a Discriminação Racial no Futebol, que teve como slogan: “Chega de preconceito”, dois técnicos negros, rivais em campo e aliados na luta antirracistas, unem-se ao Observatório numa cena histórica devido ao ineditismo em que dois técnicos se encontram em campo na elite do futebol. Naquela noite, Marcão, então técnico do Fluminense, e Roger Machado, que treinava o Bahia, comandaram suas equipes vestindo uma camisa estampada com a frase “Chega de preconceito”, registro realizado e divulgados pela mídia nacional.

⁵ <https://observatorioracialfutebol.com.br/o-sonho-de-didi-a-questao-do-tecnico-negro/>

Figura 2: Técnicos Roger Machado e Marcão



Fonte: Thiago Ribeiro (AGIF)

Roger e Marcão, que, em 2019, eram os dois únicos treinadores negros da primeira divisão do Campeonato Brasileiro, proferiram, através de depoimentos à imprensa, discursos combativos contra o racismo. Nessa oportunidade, declarou Roger Machado:

Com relação à campanha, não deveria chamar atenção ter repercussão grande dois treinadores negros na área técnica, depois de ser protagonistas dentro do campo. Essa é a prova que existe o preconceito, porque é algo que chama atenção. A medida que a gente tenha mais de 50% da população negra e a proporcionalidade não é igual. A gente tem que refletir e se questionar. Se não há preconceito no Brasil, por que os negros têm o nível de escolaridade menor que o dos brancos? Por que a população carcerária, 70% dela é negra? Por que quem morre são os jovens negros no Brasil? Por que os menores salários, entre negros e brancos, são para os negros? Entre as mulheres negras e brancas, são para as negras? Por que que, entre as mulheres, quem mais morre são as mulheres negras?⁶ (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2019, online).

Ainda segundo a mesma entrevista coletiva, *Roger Machado, em seu tocante relato, reivindicou por ações que promovam a igualdade de oportunidades para profissionais negros ascenderem na carreira e refutou a ideia de democracia racial. Para ele, a negação e o*

⁶ <https://observatorioracialfutebol.com.br/roger-machado-tecnico-do-bahia-ganha-titulo-de-cidadao-soteropolitano/>

silenciamento só confirmam a existência do racismo. Desse modo, criticou a quase exclusão que repercute numa baixa representatividade de técnicos na elite do futebol no contexto e na atualidade brasileira. No discurso, o então técnico do Esporte Clube Bahia, na 25ª rodada do Brasileirão 2019, marcou o encontro dos dois representantes negros no comando de uma equipe da Série A:

Porque se algo que foi falado em três minutos, talvez, correu o mundo e gerou essa visibilidade e essa repercussão toda, é porque a gente está falando pouco. Se a gente se surpreendeu, é porque se está falando pouco. De otimismo, porque o futebol é um canhão. Há quem diga que o futebol não pode sair das quatro linhas. Não só pode como deve, porque é uma manifestação cultural, um patrimônio histórico para o brasileiro e mundial.⁷ (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2020, online).

164



O treinador contesta parte de um entendimento de que o futebol é um elemento de alienação da sociedade brasileira, revela a compreensão de que a relação entre futebol e sociedade é simbiótica e que a modalidade revela valores culturais. Como um produto da sociedade, o futebol expressa tal relação, demonstrando que ele é parte de um todo e não um fenômeno alheio à vontade social. “Sou um ativista político dentro do futebol”, disse o então técnico do Bahia, Roger Machado durante a mesma entrevista de 2019. Ao assumir que o papel de um técnico de futebol vai além da discussão sobre o jogo, considera importante influenciar positivamente as pessoas, seja através do jogo, do posicionamento ou das condutas adotadas:

Minha opinião é que a política está em tudo. Não me refiro a política partidária, que é só uma parte disso. Por que futebol e política não poderiam se misturar? Para mim, parece que afirmar que futebol e política não se misturam é ignorar a potência dessa ferramenta como agente transformador. Ou afirmar que o atleta não tem

⁷ <https://observatorioracialfutebol.com.br/futebol-embranquece-o-negro/>

o direito de ter posições sobre a sociedade, que é, enfim, um cidadão de segunda classe.⁸ (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2019, online).

Por compreender que se trata de uma importante ferramenta de transformação social, Roger Machado credita ao futebol a sua contribuição enquanto um indivíduo que contribui para as mudanças no esporte, principalmente ao usá-lo como uma ferramenta de transformação social. O momento da demissão de Roger Machado do Esporte Clube Bahia não surpreende em se tratando de futebol brasileiro, mas faz-se necessário entender que Roger precisa, de fato, de trabalhos mais consistentes na carreira. Sobre este importante ativista político:

Roger Machado nos trouxe uma nova perspectiva com relação ao papel do treinador no Brasil: o profissional engajado e preocupado com as mazelas sociais do país. Por isso, reforço o que já escrevi recentemente neste espaço: o futebol brasileiro precisa ouvir Roger Machado, estando ele empregado ou não.⁹ (Observatório da Discriminação Racial no Futebol 2020, online).

165
»»»-«««

Percebemos que a existência de interesses enraizados, estereótipos duradouros e estruturas persistentes permeiam a questão do técnico negro ao ocupar um lugar estratégico na luta pela democratização das relações raciais na sociedade brasileira. Entendemos, também, que há imposição de um padrão de comportamento e o estabelecimento de uma dinâmica racial para a existência de técnicos negros no futebol brasileiro.

Esse “não-lugar” pode ser definido a partir de um conjunto de linhas de especialização para o treinador negro, criando dificuldades para a mobilidade vertical que “condiciona”, quando não limita, a mobilidade de técnicos negros e podem ser enumeradas a partir de quatro linhas:

⁸ <https://observatorioracialfutebol.com.br/entrevista-negar-e-silenciar-e-confirmar-o-racismo-diz-roger-machado/>

⁹ <https://observatorioracialfutebol.com.br/o-ativismo-politico-de-roger-machado-enobrece-o-futebol-brasileiro/>

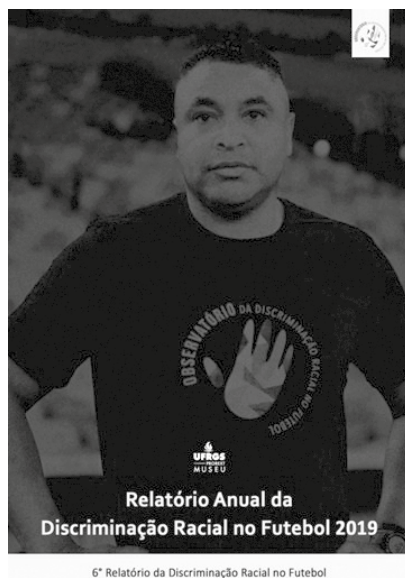
1) as categorias de base nos aparelhos de produção dos clubes; 2) as equipes pequenas e do interior em busca de promoção nas competições; 3) as escolinhas de futebol mantidas pelo poder público para jovens e adolescentes nas regiões mais desprivilegiadas da cidade; 4) a eterna condição de técnico interino das principais agremiações do país. (...) Em cada uma destas esferas de atuação, são-lhe designadas funções específicas, respectivamente: descobrir novos talentos; promover de série a equipe pequena; educar e entreter jovens e adolescentes marginalizados; ressocializar os prisioneiros; ou, ainda, quando nos grandes clubes, desfrutar da condição de eterno interino. Aqui, a figura do treinador negro parece deslocada, fora de lugar, contrária à lógica cultural que orienta o olhar e naturaliza a cena. Talvez seja auxiliar técnico em um time de massa, porém, dificilmente treinador da Seleção Brasileira.¹⁰ (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2015, online).



Como observamos, a falta de técnicos negros no Brasileirão deveria causar espanto, obstante ao mito da democracia racial ao qual a nossa sociedade está imersa e reluta em buscar uma saída. Por isso, o ativismo político de Roger Machado enobrece o futebol brasileiro, por conta das causas defendidas por ele. Roger é uma voz na luta antirracista. Seu olhar preocupado e atento para as classes mais carentes originou diversas ações que estão presentes em seus discursos e nas suas práticas nos últimos anos.

¹⁰ <https://observatorioracialfutebol.com.br/o-sonho-de-didi-a-questao-do-tecnico-negro/>

Figure 2: Roger Machado na Capa do Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol Brasileiro (2019)



Fonte: Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Roger Machado revela que aprendeu pouco sobre a história da população negra do Brasil. Para ele, entretanto, a educação é uma abordagem na luta contra o racismo e desenvolve estratégias antirracistas no futebol. “O longo silêncio garantiu que o racismo continue.”¹¹ (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2018, online). Assim, o ex-jogador, que trabalha como técnico desde 2014, declarou diante de sua própria história oral de vida:

O futebol embranquece o negro. Até os 19 anos eu era negro; quando comecei a jogar bola, eu comecei a clarear um pouquinho. Primeiro que, por uma ascensão social, pela visibilidade e por uma questão financeira, eu comecei a frequentar outros lugares que a maioria de nós não consegue frequentar. Segundo porque, em torno dessa habilidade artística com a bola nos pés,

¹¹ <https://observatorioracialfutebol.com.br/popular-como-jogador-de-futebol-insultado-como-pessoa/>

você é aceito. Esse seria o lugar de direito do negro, por suas habilidades artísticas — como costumam dizer —, como futebol, capoeira, ser cantor, no samba. (...)

Essa janela que foi aberta durante o período como jogador quase se fechou depois. Quando eu decidi me tornar treinador e fazer faculdade de educação física, eu percebi, imediatamente, que, em algum momento, me pareceu que o lugar que eu estava querendo alcançar era de um protagonismo que, aos olhos do racista, eu não teria a habilidade intelectual para estar.¹² (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2020, online).

Em síntese, a suposta superioridade física dos negros para as atividades que requerem o uso do corpo indica uma das formas de integração à sociedade brasileira. O elogio produz, ao mesmo tempo, o efeito de indicar os espaços sociais, distantes das atividades superiores da razão, quais sejam: os gramados, as rodas de samba e de capoeira. Roger Machado reconhece que, dado o potencial em catapultar a mobilidade da população preta no Brasil, o futebol embranquece já que a especificidade do seu preconceito revela que ele se ancora apenas a partir de marcadores biológicos e também a partir de uma combinação com aspectos sociais, como os lugares que o sujeito frequenta e o círculo de relações. Roger está expondo o que o Pensamento Racial Brasileiro chamou de “Preconceito de Marca”. (Nogueira, 1998)

No plano simbólico e prático, a manifestação e intensidade dessa ideologia estão condicionadas à visibilidade dos traços negroides, e, portanto, às aparências raciais ou fenotípicas do indivíduo. O preconceito racial de marca, diferente do preconceito racial de origem, agiria no sentido da preterição, e não da total segregação ou exclusão. Mesmo revelando a sua perversidade, o preconceito de marca estabelece uma série de combinações classificatórias (classe, instrução, hábitos) que tendem a relativizar a importância da cor, dificultando assim a ocorrência de situações de conflito insolúveis

¹² <https://observatorioracialfutebol.com.br/futebol-embranquece-o-negro/>



ou atitudes de impasse devido a tensões raciais em diversos campos. O futebol é um deles.

Fora do campo, o treinador Roger Machado recebeu diversas premiações em reconhecimento ao seu ativismo antirracista. Um desses prêmios foi a Medalha do Mérito Farroupilha, maior honraria concedida pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Durante seu discurso após a entrega da medalha, em 2019, Roger disse que o Brasil, por nunca ter adotado leis segregacionistas, como nos EUA e a África do Sul, transmite a falsa impressão de que abriga uma democracia racial:

O Brasil fez pior: adotou um modelo que nos torna invisíveis. Um país construído com uma mão de obra escravizada, não pode ser considerada uma democracia. A democracia racial no Brasil é um mito. E o Brasil precisa parar de negar a existência do racismo se quiser, de fato, uma nação igualitária e democrática.¹³ (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2020, online).

169



Roger recebeu, em 2019, condecorações na Câmara de Vereadores da Cidade de Salvador, como a Medalha Zumbi dos Palmares e o Título de Cidadão Soteropolitano. Em 2020, divulgou um apoio através de um projeto para publicação de 50 livros, no período de cinco anos, com temáticas indígenas e negras. Para ilustrar um pouco mais, o técnico Roger Machado teve a sua voz amplificada ao publicar um texto no site Players Tribune, portal conhecido por dar voz a técnicos e jogadores dos mais diversos esportes e lugares do mundo. Ele escreveu um artigo com o título: “A História dos Pretos que os Brancos Não Contam”.¹⁴ (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2021, online).

Uma outra homenagem ao então técnico do Grêmio Roger Machado foi a concessão da medalha ‘Pai Santana’, uma honraria antir-

¹³ <https://observatorioracialfutebol.com.br/a-democracia-racial-no-brasil-e-um-mito-diz-roger-machado-ao-receber-medalha-na-al-rs/>

¹⁴ <https://observatorioracialfutebol.com.br/roger-machado-escreve-no-players-tribune-a-historia-do-nosso-povo-nao-se-resume-a-escravidao-nem-ao-racismo/>

racista criada em homenagem ao ex-massagista e figura lendária do Gigante da Colina¹⁵, que pretende exaltar expoentes negros de todas as áreas. Na oportunidade, que ocorreu em 2022, Roger declarou sobre as relações raciais no Brasil:

Aos poucos estamos evoluindo ao falar sobre esses temas. Nós não podemos retroceder, temos que pensar para frente. Muito obrigado, fico muito feliz. Será guardada com muito carinho, dentro de todas as outras recordações que eu tenho, mas essa com uma questão especial. Ele representa uma luta que todos nós temos que trilhar.¹⁶ (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2022, online).

170



As matérias apresentadas revelam o ativismo político antirracista de Roger Machado verbalizando combate ao racismo dentro e fora das “quatro linhas.” Como resultado, essa atuação e as possíveis consequências dessas ações tiveram grande repercussão levando-o a uma maior visibilidade como um ativista social. Para um ativista no futebol, adotar esse tipo de postura é um caminho que não tem volta, como ele mesmo declarou, o que pode ocasionar perdas econômicas em função de ser preterido na oportunidade da opção pela escolha de um outro treinador.

A quase-ausência de técnicos negros é a exceção que só confirma a regra: o baixo número de técnicos negros é mais uma face do racismo velado no futebol brasileiro, no país que está prestes a completar 135 anos depois da escravização de pessoas negras. Essa baixa representatividade, diante de um grande contingente de atletas (jogadores), é apresentada como um desafio que, por vezes, recai no ostracismo dos temas mais relevantes da excludente relação racial no país. Sobre isso, Roger Machado corrobora ao dizer que:

Não se falava. As pessoas fingiam que o preconceito não existia, como se não falar sobre isso fosse matar

¹⁵ Apelido do Vasco da Gama, time de futebol carioca.

¹⁶ <https://observatorioracialfutebol.com.br/antes-do-jogo-vasco-homenageia-o-tecnico-roger-machado-do-gremio-com-a-medalha-pai-santana/>

o preconceito. A gente precisa entender porque para poder aceitar que ele existe, mas que a gente está movido na intenção de corrigir essas injustiças. Nunca se falou a respeito e hoje se fala. A gente precisa conversar a respeito disso.¹⁷ (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2019, online).

A ausência de espaço para pessoas pretas nos cargos de direção e comando no futebol é fruto da falta de oportunidades de qualificação, uma vez que o custo necessário para garantir a formação e as licenças para atuar como treinador têm valores elevados. Por isso, a promoção da diversidade e da inclusão passam por esse processo de conseguir cursos para profissionais negros a fim de que sejam capacitados e adquiram as licenças para mitigar essa desculpa de não haver profissionais negros comandando os grandes clubes nacionais.



Considerações finais

Roger Machado expôs a experiência de como a população negra vivencia o fenômeno do “racismo à brasileira”. Por sua postura contundente, tornou-se uma das vozes mais relevantes do futebol brasileiro quando se manifesta sobre questões sociais e raciais, atitude que pode ser vista enquanto uma posição corajosa e necessária originada de alguém que dirige grandes clubes do país e consegue ser ouvido por milhões de pessoas. Ouvi-lo faz-se muito necessário. Como vimos, há algum tempo o treinador tem conseguido aproveitar a posição alcançada no esporte para inserir o debate sobre questões que precisam ser discutidas e combatidas, como o racismo.

O ativismo político antirracista de Roger Machado está alicerçado nos seguintes aspectos: Desmistificar a ideia de que não há racismo no Brasil; Contestar o mito identitário da democracia racial no Brasil; Evidenciar as práticas discriminatórias no tocante às desigualdades etnicorraciais; Relacionar o racismo que opera na

¹⁷ <https://observatorioracialfutebol.com.br/roger-machado-exalta-acoes-inclusivas-do-bahia-causas-que-defendo/>

sociedade mais ampla ao futebol; Ressignificar as histórias de resistências e transgressões do povo negro no Brasil, onde a construção da negritude passa por um processo de (re) existência e (re) afirmação identitária; Reivindicar e propor a implementação das ações afirmativas para a população negra como mecanismo de reparação histórica e como uma busca pela equidade racial.

De acordo com o observado na trajetória do ativismo político antirracista de Roger Machado, percebemos uma intencionalidade materializada através das relevantes iniciativas de denunciar e mapear ocorrência de casos e racismo no futebol. Sendo assim, é fundamental desenvolver um grupo de ações e agir de forma coesa para minimizar as disparidades rumo ao alcance da equidade racial. Dessa forma, torcedores, jogadores, clubes, emissoras de tv, organizações estatais, dentre outros, devem estar imbuídos da importância da quebra desse ciclo de violações, como ocorre em relação às desigualdades e discriminações raciais.

Por fim, compreendemos que as barreiras impostas à ascensão de treinadores negros colocam-se como um impedimento que dificulta a mobilidade de técnicos negros no futebol brasileiro. Embora não tenha sido o primeiro treinador negro, observamos que o protagonismo antirracista de Roger Machado coloca-o como destaque e como um dos principais representantes e ativistas dessa agenda na elite do futebol brasileiro. Para o período analisado, ao pautar o racismo nas suas elaborações, principalmente sobre a contestação das relações de poder que historicamente hierarquizaram as relações etnicorraciais no Brasil, Roger Machado apresenta-se como um ativista político antirracista, um porta-voz das demandas silenciadas da negritude brasileira.

Referências

- ABRAHÃO, B. O. de L. .; SOARES, A. (2020). O “racismo à brasileira” no futebol. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weissaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.
- COSTA PINTO, L. A. **O negro no futebol brasileiro**, resenha do livro de Mário Filho. Sociologia. V. IX, n. 2, p. 181 – 184, 1947



DAMO, A. S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2004.

ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. **A História do Tempo Presente: reflexões sobre um campo historiográfico.** Cadernos do Tempo Presente, São Cristóvão, v. 12, n. 1, p. 13-27, 2021.

LUCCHESI, Anita. **Historiografia em rede: história, internet e novas mídias.** Preocupações e questionamentos para os historiadores do século XXI. In: MARTINS, Estevão C. de Rezendes; MOLLO, Helena. (orgs.). *Desafios e caminhos da teoria e da história da historiografia: 2012.* Mariana: Editora SBTHH, 2015

NOGUEIRA, O. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL, online, disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/>

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro.** 1ª Edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1947.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Ford, 2003

VIEIRA, José Jairo. **As Relações Étnico-Raciais e o Futebol do Rio de Janeiro: mitos, discriminação e mobilidade social.** Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2017.

